



O regime enunciativo midiático e a memória discursiva na disputa de sentidos no texto não verbal fotográfico

Felipe Gonçalves Carneiro

Mestrando em Letras: Ensino de Língua e Literatura
Universidade Federal do Tocantins (UFT), Tocantins, Brasil.

E-mail: felipegcarneiro@yahoo.com.br

É professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Araguaína.

 ORCID <https://orcid.org/0000-0001-8865-4022>

João de Deus Leite

Doutor em Estudos Linguísticos
Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Brasil.

E-mail: joadedeusleite@hotmail.com

É professor da Universidade Federal do Tocantins (UFT)

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-89189940>

Revista Falange Miúda
ISSN 2525-5169

Periodicidade:
Fluxo contínuo

Volume 5
Número 1

Recebido em: 14/09/19
Aprovado em: 19/10/19

Resumo

Neste artigo, problematizamos e analisamos o regime enunciativo midiático na leitura-interpretação do texto não verbal fotográfico, cuja incompletude é constitutiva. Dessa forma, direcionamos o nosso olhar-discursivo à fotografia que percorreu os noticiários, a qual revela a situação dos refugiados que rumam aos Estados Unidos. Ancorados na perspectiva da Análise de Discurso de Michel Pêcheux, observamos que os sentidos são agenciados por meio de trajetos de leitura, a partir do verbal, em que sentidos outros são apagados e silenciados. Então, perguntamo-nos: quais outros sentidos são produzidos, apartando-se do regime enunciativo midiático e considerando a opacidade do texto não verbal fotográfico? Observamos que há sentidos que estão além do aprisionamento efetuado pelo regime enunciativo midiático.

Palavras-chave:

Análise de Discurso; Regime enunciativo midiático; Texto não verbal fotográfico.

1 Considerações iniciais

Objetivamos, neste artigo, problematizar e analisar a maneira pela qual o texto não verbal fotográfico é lido-interpretado, quando esse está vinculado à esfera jornalística. Efetivamente, a fotografia é parafraseada pela verbalização. Assim, considerando esta perspectiva de parafraseamento, à leitura-interpretação da materialidade significativa fotográfica veiculada na mídia, pautada pela linguagem verbal, atribuímos a noção de regime enunciativo midiático, o que ressoa no entendimento de que há uma suposta justaposição, um recobrimento, da linguagem verbal com a não verbal fotográfica. A nosso ver, esta ilusão de encaixe perfeito é responsável pelo acarretamento de um efeito de transparência e de evidência que são imputados à materialidade imagética. Dessa forma, sentidos outros são apagados e silenciados.

Ancorados na Análise de Discurso francesa, preconizada por Michel Pêcheux, problematizamos a questão do processo de significação da materialidade significativa fotográfica e que está condicionada aos mecanismos de significação do regime enunciativo midiático. Nesse sentido, perguntamo-nos: o que é dito (visível) no texto não verbal fotográfico? Como são agenciados esses sentidos? É possível acionar traços de redes de memória diferentes dos que são engendrados pela verbalização em *sites* de notícias, isto é, pelo o que consideramos como regime enunciativo midiático?

Sabemos que a materialidade verbal e a não verbal significam. Contudo, são sistemas de significação particulares e específicos os quais aportam para o engendramento de múltiplos sentidos. Assim, neste artigo, o nosso material de análise compreende o texto não verbal fotográfico da tragédia dos centro-americanos Óscar e Valéria, pai e filha, respectivamente, em que foram encontrados afogados à beira do Rio Grande, no México, e o regime enunciativo midiático a ele correlacionado.

Neste sentido, é de nosso interesse, também, a compreensão do processo de significação do texto não verbal-fotográfico a partir do campo epistemológico da Análise de Discurso pêcheuxtiana, considerando-o como materialidade significativa. Assim, no batimento das materialidades verbal e não verbal, queremos saber quais efeitos de sentido são engendrados, apagados e silenciados, e em que medida a disputa de sentidos afetam a leitura-interpretação da fotografia em questão.

2 O agenciamento de sentidos do texto não verbal fotográfico na mídia

Nesta seção, apresentamos algumas considerações sobre o texto não verbal fotográfico. Consideramos que essa materialidade imagética dá suporte ao discurso e, por conseguinte, engendra efeitos de sentido entre locutores (PÊCHEUX,

2014[1969]). A esse respeito, vale-nos questionar o funcionamento discursivo da fotografia como objeto simbólico, e como apreender os processos de produção de sentido que aí se estabelecem. Para tanto, mobilizamos as considerações de alguns autores, os quais citamos ao longo de nosso artigo para pensarmos no não verbal fotográfico, assim como problematizarmos algumas questões correlacionadas à sua leitura-interpretação.

Neste artigo, ancorados na Análise de Discurso pêcheuxtiana (AD, doravante), ocupamo-nos em problematizar e analisar os sentidos agenciados em uma fotografia que repercutiu nos noticiários de vários países, incluindo o Brasil, tanto nas mídias televisivas como nas páginas *web*. A imagem em questão ganhou circulação e notoriedade no final do mês de junho de 2019, período em que ocorreu o fato. A fotografia reporta ao acidente de Óscar Martínez, de 25 anos, junto com a sua filha, Valéria, com quase 2 anos de idade, que faleceram afogados nas correntezas do Rio Grande, localizado em Matamoros, no México, na tentativa de cruzar a fronteira territorial e adentrar aos Estados Unidos.

No tocante às notícias veiculadas na internet em *sites* de notícias, referimo-nos aos sítios *web* jornalísticos, a imagem, que, em nosso caso é o texto não verbal fotográfico, torna-se elemento propulsor da matéria jornalística. Embora a fotografia seja de cunho informativo e a sua disseminação na e pela imprensa, rechaçamos a ideia de sentido único que, comumente, lhe é imputada à materialidade fotográfica, sobretudo se considerarmos a sua circulação. Não há neutralidade, e nosso posicionamento é em decorrência da perspectiva teórica a que nos filiamos, porquanto a linguagem é opaca, não transparente. E mais: consideramos que há infindáveis possibilidades de sentidos, sendo assim a equívocidade da materialidade, verbal ou não verbal, é constitutiva.

De acordo com Agustini (2007), a fotografia não deve ser considerada como uma simples cópia do real (realidade, construção do imaginário), vai além do seu valor informativo, e não se trata somente da representação de um fato. Ainda segundo a autora, “a fotografia guarda traços que não estão visíveis nela; é o invisível da fotografia que a faz significar” (AGUSTINI, 2007, p. 246). Dessa maneira, inferimos que há não-ditos (invisíveis) na materialidade significativa fotográfica, os quais proporcionam efeitos de sentido, ou seja, diferentes leituras-interpretações aos sujeitos interpretantes. Segundo o posicionamento de Agustini, Araújo e Leite (2017, p. 217), temos que

a incompletude da imagem sustenta-se no não-mostrado, naquilo que não se apresenta, mas que não cessa de ali significar. Assim, há a possibilidade mesma de o sentido ser sempre outro, devido à deriva na leitura-interpretação da imagem. Nessa perspectiva, o texto imagético é desde-sempre-já um corte no real, simbolizando-o e, assim, projetando-lhe certo imaginário (AGUSTINI; ARAÚJO E LEITE, 2017, p. 2017).

Assim, considerando o objeto simbólico fotográfico, cuja incompletude é constitutiva, ele possui seu processo discursivo compreendido em três planos. Há o plano da constituição (interdiscurso), cuja historicidade engendra os sentidos que se movimentam e perpassam pelo significante material. A linguagem tem significação, porque esta é cifra da história. Temos o da formulação (intradiscurso) que, neste caso específico, as possibilidades de sentidos se materializam, isto é, ganham corpo na linguagem fotográfica, uma forma visual estabilizada. É o local material da unidade e da dispersão; nas palavras de Orlandi (2001, p. 10), “a formulação é o lugar em que esta contradição se realiza”. E, por último, contudo, de similar relevância para pensarmos no engendramento de sentidos, encontramos o plano da circulação. Neste caso, a fotografia da tragédia dos centro-americanos, Óscar Martínez e Valéria, percorreu a mídia jornalística, acarretando, desta forma, em ampla difusão, e que culminou em nosso interesse para o desenvolvimento deste artigo.

Sabemos que o processo de significação é contínuo, e o sentido é errante. Assim, lançamo-nos na tarefa de compreender o funcionamento discursivo do texto não verbal fotográfico. Para nós, a fotografia, como objeto simbólico, apresenta-se como uma “unidade imaginária, enquanto manifestação material concreta do discurso” (ORLANDI, 2001, p. 12). Na sua forma empírica, o significante imagético possui um carácter de unidade, em que há um efeito de transparência cuja evidência se dá pela inscrição na formação discursiva dominante, autorizada pelo(s) sujeito(s) que o interpreta(m) (forma-sujeito). Pautados em nosso alicerce teórico-metodológico, apresentamos uma citação de Orlandi (1995, p. 35), quem nos auxilia a pensar no imagético, vejamos:

A AD trabalha não só com as formas abstratas mas com as formas materiais da linguagem. E todo processo de produção de sentidos se constitui em uma materialidade que lhe é própria. Assim, a significância não se estabelece na indiferença dos materiais que a constituem, ao contrário, é na prática material significante que os sentidos se atualizam, ganham corpo, significando particularmente (ORLANDI, 1995, p. 35).

Segundo o excerto que citamos anteriormente e considerando o material simbólico como linguagem e com a sua incompletude constitutiva, sabemos que sentidos são engendrados na e pela historicidade, os quais atravessam a imagem fotográfica. Não devemos nos furtar do plano da circulação, ou seja, das condições de circulação para refletirmos sobre as possibilidades de sentidos que podem ser conjecturados. Dessa forma, na repercussão midiática da fotografia pela imprensa, como, por exemplo, em páginas *web* de jornais, acessamos ao que é lido-interpretado por meio destes veículos, sentidos que são ressoados e ecoam como valor de verdade único e indubitável, isto é, a depender da emissora jornalística, os contornos de veracidade são contundentes e inquestionáveis.

Entretanto, a partir de nossas reflexões e do que mobilizamos até o presente momento, perguntamo-nos: se outros sentidos são possíveis, além do que está noticiado na mídia, o que não-está-dito e que significa no texto não verbal fotográfico? Como apreender, então, o funcionamento discursivo dessa materialidade significativa que está circulando na mídia, com sentido-um de verdade noticiado? De fato, observamos a presença de dois sistemas semióticos que encerram significação: o verbal, por meio das palavras, a notícia na internet em que narra o acontecimento fotografado; e o não verbal, a imagem fotográfica a qual registrou o incidente que igualmente significa, entretanto de modo distinto. Ambos os sistemas são materialidades significantes que historicizam sentidos.

Neste momento, para compor o nosso percurso teórico e ajudar-nos nas questões às quais nos propomos a pensar, evocamos Saussure (2006[1916]), quem alça a língua como sistema semiológico de considerável relevância, ao passo de ser capaz de interpretar todos os demais sistemas de significação, além de interpretar ela mesma. Vejamos, abaixo, a citação que extraímos da obra póstuma *O Curso de Linguística Geral*. De acordo com Saussure (2006[1916], p. 82),

Pode-se, pois, dizer que os signos inteiramente arbitrários realizam melhor que os outros o ideal do procedimento semiológico; eis porque a língua, o mais completo e o mais difundido sistema de expressão, é também o mais característico de todos; nesse sentido, a Linguística pode erigir-se em padrão de toda Semiologia, se bem a língua não seja senão um sistema particular (SAUSSURE, 2006[1916], p. 82).

Consentimos com as considerações de Saussure (2006[1916]) em que eleva a língua frente aos outros sistemas de significação. Não refutamos este pensamento saussuriano. No entanto, observamos que há uma fragmentação do potencial de significação da materialidade significativa imagética. Seguindo as considerações de pertença à AD, sabemos que diferentes sujeitos, os quais se inscrevem em feixes de formações discursivas, concebem sentidos às materialidades, verbais e/ou não verbais, de forma distinta. Há múltiplas significâncias, o campo é fecundo. Assim, quando observamos o sentido sendo descrito pelo verbal, aí encontramos já o produto, a uni(ci)dade do sentido.

Como já mencionamos, alicerçados na perspectiva teórico-metodológica da AD, apostamos na equivocidade constitutiva de toda e qualquer materialidade simbólica. Valemo-nos do ensejo e acionamos a autora Orlandi (2007), quem se dedicou a tecer apontamentos a respeito do silêncio, considerando-o como materialidade significativa por excelência. Ela alude às questões de primazia da linguagem verbal em que essa é tomada como um lugar privilegiado de significação. Ademais, para ela, “a linguagem [...] deve estar pressuposta, mas não pode ter o estatuto de paradigma ou de centro para o qual se orientam tanto a significação do silêncio quanto a sua explicação” (ORLANDI, 2007, p. 51). Ou seja, o silêncio fundante, o qual permite a movimentação dos sentidos, é fragmentado, é dividido

pela linguagem, sendo esta verbal ou não verbal. À vista disso, podemos vislumbrar o nosso texto não verbal fotográfico cuja verbalização, de alguma forma, divide e organiza os possíveis sentidos que por meio dele são engendrados.

Os sujeitos são compelidos a interpretar em face de um objeto simbólico (ORLANDI, 2005). Assim, pautados na reflexão acerca da linguagem, com ancoragem na AD, temos que no batimento das materialidades verbal e não verbal, ou seja, ao ler-interpretar a fotografia pela verbalização, há uma sobreposição da língua sobre a imagem, acarretando na rarefação de sua significação. A este trajeto de leitura, neste artigo, o denominaremos como regime enunciativo. Por conta da veiculação na mídia *on-line* da fotografia do acontecimento que citamos (Óscar e Valéria), vamos adjetivar este regime enunciativo como midiático. Por conseguinte, para o que denominamos de regime enunciativo midiático, inferimos que “produze[m] uma assepsia do não-verbal, um seu efeito de transparência, pela sua verbalização necessária” (ORLANDI, 1995, p. 36).

Podemos nos lançar a algumas considerações, vejamos: antes de ser veiculada na mídia jornalística, antes de ter contornos da verbalização, a imagem já significou, produziu sentidos e que foram parafraseados pela língua. Temos aí instaurado o silêncio fundante. O jornalista, sujeito afetado pela ideologia (forma-sujeito), compelido à interpretação, indubitavelmente, verbalizou (língua) os sentidos engendrados por meio do texto não verbal fotográfico. E mais: o discurso jornalístico é regulado pelas instituições midiáticas, o jornalista, por exemplo, está subordinado a regras internas e externas destas instituições (BARBOSA, 2003). Entendemos que a imagem para fins jornalísticos, cujo gênero é de cunho informativo, possui uma funcionalidade específica, gera ideia de evidência de um acontecimento, podemos citar a questão do flagrante. A imagem alocada em outros gêneros discursivos, como, por exemplo, no livro didático, ou na publicidade, recebe outros contornos de funcionalidades e de significância. Assim, a imagem poderia ter um papel de complementaridade do verbal nos gêneros que dissemos.

Com respeito à sobreposição do verbal, na seção em que construímos as nossas considerações analíticas, verificamos, então, o agenciamento de sentidos engendrados por meio do que nomeamos como regime enunciativo midiático. Nosso material de análise se refere a uma notícia sobre o ocorrido com Óscar e sua filha Valéria, publicada no *site* de notícias da VEJA. O cerne de nossos apontamentos é o texto não verbal fotográfico, em que efetuamos gestos de interpretação, abrindo para possíveis leituras-interpretações da imagem em questão, considerando a sua materialidade significativa, com a (não)-presença da linguagem verbal, isto é, com o que denominamos como regime enunciativo midiático. De acordo com Souza (2011, p. 65),

ao se pensar a imagem através do verbal, acaba-se por descrever, falar da imagem, dando lugar a um trabalho de segmentação da imagem em unidades discretas. A palavra fala da imagem, a descreve e traduz, mas

jamais revela a sua matéria visual. A palavra não pode ser moeda de troca das imagens. É a visibilidade que permite a existência, a forma material da imagem e não a sua co-relação com o verbal (SOUZA, 2011, p. 65).

O que estamos levantando, com o que denominamos de regime enunciativo midiático, encontramos suporte em Souza (2011, p. 79), em que ela salienta: “a mídia, muitas vezes, trabalha com a redução do não verbal ao verbal, dando lugar a um efeito de transparência, de objetividade da informação”. Entretanto, consideramos também que o regime enunciativo midiático, interpretação dada à imagem fotográfica na notícia posta em circulação *on-line*, é uma maneira válida de leitura-interpretação. A questão que estamos pontuando é a de que não se deve tomar como verdade única e absoluta.

Monnerat (2013, p. 415) faz considerações acerca do que abordamos. Nesse sentido, trouxemos um excerto que vai ao encontro de nossas considerações. Vejamos:

Na mídia, ocorre uma tentativa de reduzir o não verbal ao verbal, ou seja, procura entender o não verbal por meio do verbal e, ao se proceder dessa forma, acaba-se por “falar” da imagem, descrevê-la, num trabalho de segmentação de suas partes, o que leva a um reducionismo no estudo da imagem. A “leitura” do texto não verbal não é, pois, igual à palavra, já que deve passar pelas possibilidades de interpretação da imagem social e culturalmente determinada (MONNERAT, 2013, p. 415).

Convém-nos recordar que lhe interessa à AD os processos de produção de sentido, ou seja, como o texto significa tomando-o como materialidade simbólica (ORLANDI, 2005). Pêcheux (2015) teoriza sobre a imagem na obra *Papel da Memória*; para ele, temos a imagem “não mais legível na transparência, porque um discurso a atravessa e a constitui, mas a imagem opaca e muda, quer dizer, aquela pela qual a memória ‘perdeu’ o trajeto de leitura” (PÊCHEUX, 2015, p. 49). Assim, o regime enunciativo midiático gera o sentido-um à fotografia posta em circulação na mídia, um efeito de evidência e de transparência, cuja objetividade acreditamos que seja somente a da informação e da descrição do acontecimento, as quais as lentes da câmera lograram capturar naquele referido instante. Assim, tendo em vista as asserções teóricas que enumeramos, indagamo-nos sobre a apreensão do funcionamento discursivo da materialidade significativa fotográfica; por isso, elaboramos as seguintes perguntas: como se dá o processo de significação se nos apartamos do regime enunciativo midiático? Como consideramos a espessura semântica do objeto simbólico não verbal fotográfico?

Retomando a temática do silêncio, Orlandi (2007, p. 71) assinala que “o sentido é múltiplo porque o silêncio é constitutivo. A falha e o possível estão no mesmo lugar, e são função do silêncio”. Ainda, segundo a autora, para compreender o silêncio em uma perspectiva discursiva, devemos nos furtar de categorias *a priori*, e não usar de categorizações como concebem outras áreas de conhecimento. Neste sentido, para que seja visível, o silêncio faz-se necessário

observá-lo de maneira indireta (ORLANDI, 2007, p. 45). Ainda de acordo com a autora, temos que:

É preciso aqui lembrar que pensamos a relação indireta entre o produto e sua “origem”, sua “causa”. Sem considerar a historicidade do texto, os processos de construção dos efeitos de sentidos, é impossível compreender o silêncio. Não podemos observá-lo senão por seus efeitos (retóricos, políticos) e pelos muitos modos de construção da significação. Quando se trata do silêncio, nós não temos *marcas* formais, mas *pistas, traços*. É por fissuras, rupturas, falhas, que ele se mostra, fugazmente” (ORLANDI, 2007, p. 45-46, grifos da autora).

De conformidade com a passagem anterior, e fazendo os deslocamentos teóricos imprescindíveis para refletirmos o texto não verbal fotográfico, vamos problematizar e analisar a nossa imagem fotográfica sem categorias *a priori*. Neste momento, convidamos Souza (2001; 2011; 2018) com o conceito de policromia, com o fim de aprofundarmos no que concerne à análise de materialidades significantes não verbais. Para ela, por meio da policromia, observa-se a heterogeneidade que constitui a imagem, e, por esta perspectiva, podemos elencar os operadores discursivos não verbais, a fim de apreender o funcionamento discursivo da materialidade não verbal, como, por exemplo, “a cor, o detalhe, o ângulo da câmera, um elemento da paisagem, luz e sombra, etc., os quais não só trabalham a textualidade da imagem, como instauram a produção de outros textos, todos não verbais” (SOUZA, 2001, p. 81).

Sabemos que há sentidos porquanto há sujeitos interpelados por formações ideológicas, assim como há uma memória discursiva (interdiscurso) que historicizam os sentidos e que estes perpassam a matéria significativa (intradiscurso). Neste momento, mobilizamos as teorizações de Pêcheux (2015[1983]) na terceira fase de elaboração da AD para pensarmos no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória. Na obra *O discurso: estrutura ou acontecimento*, ele teoriza a questão do enunciado em francês *On a gagné* (ganhamos), em que esse acontecimento de notória repercussão é “o acontecimento jornalístico e da mass-media que remete a um conteúdo sócio-político ao mesmo tempo *perfeitamente transparente* [...] e *profundamente opaco*” (PÊCHEUX, 2015[1983], p. 19, grifos nossos). Assim, pensamos que, a partir da materialidade fotográfica posta em circulação na internet em *sites* jornalísticos, acreditamos que a memória é suscetível de ser atualizada, abrindo espaços para outros sentidos que estão além das fronteiras delimitadas pelo regime enunciativo midiático. Mobilizamos, abaixo, uma citação que endossa o percurso que estamos construindo, vejamos:

com base nos pressupostos deixados por Pêcheux, são as relações entre memória e atualidade, e entre estrutura e acontecimento. O que é da materialidade histórica - o eixo vertical, das formações discursivas, ideológicas e sociais, bem como do complexo, o interdiscurso - é da ordem do

repetível. Afinal, o discurso se constrói pelo já dito. Por outro viés, o que é da materialidade imagética, sonora e verbal - o eixo horizontal, da estrutura material - também traz em si o repetível, pelo estrutural. Por isso, o trabalho de análise dos discursos de diferentes materialidades envolve o político/simbólico e é constituído de historicidade, revelando a incompletude, os sentidos marginais: não há um sentido central, mas trabalho, em que a resistência, o opaco, o impreciso e o indefinido formam a estrutura, disfarçados pelos efeitos de transparência, precisão e definição (MITTMANN, 2011, p. 99).

Assim, para significar a materialidade, os sujeitos se filiam a redes de memórias. Citamos há pouco a questão da policromia em que o analista pode se valer de operadores discursivos não verbais para efetuar gestos de interpretação, contudo não os consideramos como categorias *a priori*, mas, sim, operadores de uma memória social, tendo em conta a sua eficácia simbólica (DAVALLON, 2015). Souza (2011; 2018), na esteira de Barthes (2015[1980]), apresenta o conceito de *punctum* e de *studium* no caso da materialidade fotográfica e, “a partir daí, constrói toda uma narrativa paralela, alheia ao que a foto mostra, por isso faz trabalhar a memória” (SOUZA, 2018, p. 21). Esclarecemos que o *studium* tem a ver com a intenção do autor ao fotografar, à sua intencionalidade; já o *punctum*, refere-se ao que o olhar-leitor consegue captar, ou seja, “o *punctum* catalisa uma série de sentidos e dá margem a inúmeras interpretações” (SOUZA, 2011, p. 389). A referida autora destaca que:

do ponto de vista discursivo, defino o *punctum* como um traço de textualidade inerente ao caráter de incompletude da fotografia. O *punctum* se define como algo casual, fugaz, por isso mesmo tem relação com a memória, com o interdiscurso, porque abre à interpretação. A partir do *punctum*, há toda uma instituição de dizeres, que nos remete à atualização da memória face ao sentido instituído pelo esquecimento (SOUZA, 2011, p. 389).

Entretanto, se considerarmos a fotografia jornalística, essa estará suscetível a alguns deslocamentos com relação aos termos que recém aludimos. Para a autora Souza (2011, p. 391), parece-lhe mais complexo o funcionamento do *punctum* e do *studium*, ao passo que, segundo ela, por se tratar, por exemplo, de um flagrante, a cena do *studium* é descaracterizada, porque não há um planejamento, uma organização por parte do fotógrafo para tomar a imagem pelas lentes da câmera. De fato, o que se pretende é a documentação do acontecimento. Além do mais, na edição do jornal para a escolha da fotografia para ser difundida pela imprensa, o *punctum*, o que era imprevisto ao se tomar a foto, pode chegar a ser o *studium* na matéria jornalística, ou seja, a intencionalidade (SOUZA, 2011, p. 391).

Ainda em referência à análise da textualidade do não verbal, Souza (2018) discorre sobre a intericonicidade (o sempre-já da imagem) em que a autora recorre a Courtine (2013) na obra *Decifrar o copo - pensar com Foucault*, a fim de tecer considerações para analisar a imagem. Segundo a autora, a noção de

intericonicidade compreende uma conexão, uma relação entre imagens (SOUZA, 2018).

Encerramos nossas considerações teóricas com a seguinte citação, a saber: “os gestos de interpretação são em si efeitos metafóricos, deslizamentos de sentido, ordenados pela injunção do dizer” (SOUZA, 2011, p. 391). No tópico subsequente, apresentamos as nossas considerações analíticas frente ao texto não verbal fotográfico que registrou o acidente com Óscar Martínez e sua filha, Valéria.

3 Da análise do texto não verbal fotográfico veiculado na mídia

Nesta seção, ocupamo-nos em analisar o nosso objeto simbólico. Neste sentido, buscamos apreender o funcionamento discursivo do texto não verbal fotográfico, considerando-o em sua opacidade constitutiva. Assim, interessa-nos como ele significa dentro do que denominamos, neste artigo, como regime enunciativo midiático, assim como os possíveis efeitos de sentido produzidos se nos apartamos da verbalização promovida pelo veículo midiático.

Conforme dissemos anteriormente, o texto não verbal fotográfico se refere ao registro do ocorrido com Óscar e sua filha, Valéria. Em conformidade com os noticiários, o casal Óscar Martínez e Tânia Vanessa Ávalos, junto com a filha, Valéria, centro-americanos de El Salvador, deixaram seu país na tentativa de conseguirem uma vida melhor nos EUA. Desafortunadamente, pai e filha tiveram suas vidas interrompidas no tentame citado. Esta tragédia foi noticiada em vários países, inclusive na imprensa brasileira. Como o acontecimento não ocorreu no Brasil, então a notícia veiculada nos *sites* brasileiros de notícias, muito provavelmente, são oriundas de traduções de *sites* estrangeiros, principalmente, estadunidenses e/ou mexicanos, dado que o incidente ocorreu no Rio Grande, fronteira entre os dois estados-nações. Entretanto, não cremos no comprometimento do que estamos problematizando, dado que a informação jornalística se constitui de uma construção discursiva, e o regime enunciativo midiático se mantém na sua roupagem de transparência, aprisionando os múltiplos sentidos possíveis no corpo da materialidade significante fotográfica.

Elegemos para análise a matéria jornalística do *site* de notícia da VEJA, conforme já ressaltamos nestjuse artigo, publicada em 26 de junho de 2019. Assim, o *corpus* se constitui do texto não verbal fotográfico (Figura 1) e do título, que é: “Foto de pai e filha afogados expõe drama da imigração para os EUA”; e com o subtítulo: “O salvadorenho Óscar Ramírez tinha 25 anos e Valéria, menos de 2. Travessias clandestinas aumentaram com limite de Trump para a concessão de refúgio”. Justificamos o nosso recorte no que concerne à materialidade verbal, porque diferentemente do telejornal em que há a narrativa direcionando o sentido para a imagem exposta na tela da televisão pelo programa de telejornalismo; no caso da notícia no *site*, consideramos que, comumente, o leitor-observador enfoca

sua atenção à materialidade imagética, e fica detido no título e no subtítulo da notícia. Vejamos a Figura 1:

Figura 1 – Óscar Martínez e sua filha Valéria afogados no Rio Grande, México.



Fonte: Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/foto-de-pai-e-filha-afogados-expoe-drama-da-imigracao-para-os-eua/>. Acesso em julho de 2019.

Como dissemos, a imagem significa. Assim, abrimos espaços de interpretação considerando o binômio unidade e dispersão, sendo que os sentidos se articulam nos dois âmbitos. Para nós, neste caso, consideramos que a unidade, o efeito de transparência que problematizamos, é dada ao texto não verbal fotográfico por meio do regime enunciativo midiático. A nosso ver, há lacunas, incompletude constitutiva da materialidade imagética, que acionam redes de memória e os sentidos cruzam, atravessam o efeito de unidade, e assim temos a dispersão.

Inicialmente, chama-nos a atenção o fato de que, na verbalização que aqui delimitamos ao título e ao subtítulo, encontramos informações que revelam quem são as vítimas, Óscar e Valéria, pai e filha, respectivamente, e as circunstâncias pelas quais padeceram. Como sua circulação está em *sites* de notícias, a imagem é parafraseada e recebe contornos de significação com as informações da tragédia. Se enfocarmos somente no título, temos “pai e filha” e “imigração para os EUA”, as vítimas não estão nomeadas. Nesse sentido, configuram como se fossem os sem-nomes, os sem-identidades, que estão a caminho do país norte-americano, soa como se estas pessoas não tivessem importância (os sem-importância). A fotografia corrobora para isso, uma vez que seus rostos não estão à mostra.

Ainda com relação ao verbal, vemos a parafraseagem da imagem em “afogados”. No entanto, somos levados a pensar que aí se estabelece uma relação biunívoca do signo linguístico (afogados) com as vítimas, as quais estão à beira do rio. Com efeito, entendemos que há operadores discursivos não verbais, como, por exemplo, os corpos, o rio, que acarretam no “afogados”, reverberando em uma suposta justaposição do verbal com o não-verbal fotográfico. Caso não houvesse o verbal e tivéssemos acesso somente ao imagético, poderíamos conjecturar outro motivo para o falecimento do pai e da filha, que não fosse o afogamento? Deixamos este questionamento. Pela imagem, encontramos pistas que indicam o motivo pelo qual os levou a óbito. Conjeturamos outra possibilidade de sentido, a saber: o narcotraficante “El Chapo” foi condenado recentemente à prisão perpétua nos EUA, sendo ele conhecido pelas suas atrocidades e violência, de certa maneira, ainda há crimes cometidos por traficantes no território mexicano; por conseguinte, pela imagem, haveria a possibilidade de que sujeitos interpretem como sendo vítimas das ações de criminosos sob o comando de líderes do tráfico de drogas. Vemos, então, a imagem como operador de memória social.

Com relação às nacionalidades, não há traços e tampouco podemos recortar operadores discursivos que remontam ao gentílico salvadorenho. Essa constatação só foi possível para nós, porque foi dada no subtítulo da notícia. Sabemos que o interdiscurso perpassa o corpo da materialidade por meio da memória discursiva que é acionada, sendo esta social e coletiva, assim engendrando possíveis sentidos. De fato, temos conhecimento da migração de pessoas em jornadas exaustivas, percorrendo itinerários perigosos, arriscando-se e submetendo-se a intempéries de toda e qualquer natureza, tudo isso para viver o imaginário “sonho americano”. Essa memória é atualizada com a fotografia, e hipotetizamos tratar-se de (latino)-americanos, entretanto, a nacionalidade precisa das vítimas na imagem, para nós, está no âmbito do não-dito (invisível) do texto imagético, conforme pontuam Agustini (2007) e Agustini, Araújo e Leite (2017). Para a AD, os sentidos são possíveis, quantos forem os sujeitos interpretantes; assim, talvez, a nacionalidade esteja no dito da imagem para algum sujeito.

Considerando o *punctum* da fotografia em análise, conforme nos apresenta Souza (2011; 2018), observamos que a criança é um ponto de ancoragem de uma memória discursiva que encontra ressonância em termos de uma memória sendo atualizada. A fotografia da criança falecida na região de fronteira faz alusão à outra imagem que ganhou repercussão na mídia, a do menino sírio, Alan Kurdi, que, em 2015, foi encontrado em uma praia no litoral da Turquia (Figura 2). Temos instaurado uma relação entre imagens (SOUZA, 2018). E mais: há outros elementos discursivos não verbais, em consonância com o que nos apresentam Davallon (2015) e Souza (2011; 2018), que remontam ao caso da criança síria. Podemos elencar, por exemplo, a água, o afogamento, a cor da vestimenta (vermelho). A seguir, apresentamos a fotografia de Alan Kurdi (Figura 2):

Figura 2 – Alan Kurdi, a criança síria encontrada no litoral da Turquia.



Fonte: Disponível em:

<https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/mundo/internacional/noticia/2015/09/03/pai-do-menino-sirio-afogado-conta-como-seus-filhos-escaparam-pelas-maos-197517.php>. Acesso em julho de 2019.

Reiteramos que, a depender dos sujeitos que se deparam com a fotografia do pai e filha afogados no Rio Grande, os efeitos de sentido são múltiplos, ao passo que a bagagem sócio-histórica e ideológica que constituem os sujeitos dá direcionamentos às infundáveis leituras-interpretações (PÊCHEUX, 2015; 2015 [1983]). Corroboramos esse nosso apontamento com alguns exemplos, vejamos: sujeitos residentes em regiões ribeirinhas que necessitam, constantemente, cruzar um rio para os labores e os afazeres diários, certamente esta imagem lhes acionará(ão) sentido(s). A partir daí, poderíamos lançar outras variáveis, e se os sujeitos interpretantes forem aqueles que não tivessem relação direta com a água, ou fossem residentes de grandes centros urbanos, etc., quais sentidos seriam engendrados? De nossa perspectiva, ampliam-se os sentidos. É nítida a movência dos sentidos no texto não verbal fotográfico.

Observamos, também, que o não verbal fotográfico desdobrou-se em efeito(s) de sentido específico(s) cuja injunção à interpretação fez com que o jornalista-autor do título parafraseasse o(s) sentido(s) que bordejavam no silêncio em “drama da imigração”. Assim, inferimos que o texto imagético evocou outras redes de memórias, por exemplo, a caravana de migrantes centro-americanos que deixaram seus países de origem devido às situações de fome e de violência para adentrarem os EUA; podemos citar, também, a construção do muro na fronteira do México com os EUA, que foi tema de campanha eleitoral do presidente Trump; além dos mais, podemos aludir aos migrantes que tentam chegar à Europa mediante condições desumanas e deploráveis. Assim, notamos que inúmeros sentidos são acionados a partir da materialidade do texto não verbal fotográfico.

4 Considerações finais

Com o concurso das contribuições teórico-metodológicas da AD, pudemos problematizar o texto não verbal fotográfico que teve circulação na mídia *on-line*. Neste sentido, compreendemos que lidar com a materialidade imagética, apreender o seu funcionamento discursivo, os processos de engendramento de sentidos, é imperativo apartá-la do domínio da linguagem verbal.

Observamos que a fotografia é utilizada no âmbito jornalístico como recurso visual, dando contundência aos fatos noticiados. Vemos que a materialidade imagética possui uma grande importância e contribui, sobremaneira, na repercussão das notícias, embora haja um direcionamento de sentidos imputado à fotografia devido ao gênero discursivo ao qual está sendo empregada.

A verbalização da imagem em tela, ao que denominamos como regime enunciativo midiático, direciona os sentidos para o leitor-observador, o que acarreta em um efeito de transparência. Assim, embora a língua seja capaz de interpretar todo e qualquer sistema semiótico de significação, observamos que o regime enunciativo midiático enclausura os sentidos do texto não verbal fotográfico.

Vimos que não há encaixe completo, nem recobrimento perfeito entre o sistema linguístico (verbal) e a materialidade significante fotográfica, apesar de que há uma suposta relação de biunivocidade, o que nos conduz a pensar em uma ideia de equivalência, de justaposição. A nosso ver, são sistemas semióticos de significação diferentes, no qual cada um possui seu mecanismo próprio de funcionamento e de produção de efeitos de sentido. Ambas as materialidades, verbal e não verbal, são ferramentas cuja incompletude e opacidade são constitutivas, o que permite a movência e a dispersão dos sentidos.

Ressaltamos que o texto não verbal fotográfico, tomando-o como objeto simbólico, é capaz de evocar as redes de memória, desdobrando-se em sentidos distintos daqueles apresentados no título e no subtítulo da notícia publicada na internet. Assim, outras leituras-interpretações são possíveis, ou seja, sentidos que estão além do aprisionamento efetuado pelo regime enunciativo midiático. Há não-ditos (invisíveis) na fotografia que significam.

Referências

- AGUSTINI, C. L. H.; ARAÚJO, É. D.; LEITE, J. D. A leitura do texto não-verbal imagético em livros didáticos: reflexões a partir de um olhar discursivo. *Entremeios*, Pouso Alegre, v. 14, p. 213-231, jan./jun. 2017.
- AGUSTINI, C. L. H. Sujeito e singularidade: (n)a enunciação fotográfica. *Desenredo*, Passo Fundo, v. 3, n. 2, p. 245-254, 2007.
- BARBOSA, P. L. N. O papel da imagem e da memória na escrita jornalística da história do tempo presente. In: GREGOLIN, M. R. (Org.). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003, p. 111-124.
- BARTHES, R. A câmara clara: nota sobre a fotografia. Tradução Júlio Castañon Guimarães. – [ed. especial] - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015 [1980]
- DAVALLON, J. A imagem, uma arte de memória? In: ARCHARD, P. [et al] Tradução e introdução: NUNES, J. H. *Papel da Memória*. Campinas, SP: Editora Pontes, 2015, p. 21-34.
- MITTMANN, S. Texto imagético e autoria. In: INDUSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. L. (Org.). *Memória e história na/da análise de discurso*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011, p. 91-104.
- MONNERAT, R. A imagem no discurso publicitário: texto verbal e não verbal podem estar em conflito? In: MENDES, E.; MACHADO, I. L.; LIMA, H.; LYSARDO-DIAS, D. (Org.). *Imagem e discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013, p. 406-425.
- ORLANDI, E. P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e Texto: formação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- ORLANDI, E. P. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. *Rua*, Campinas, Labeurb, Nudecri, n. 1, p. 35-47, 1995.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento?* Tradução: ORLANDI, E. P. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015 [1983].
- PÊCHEUX, M. *Papel da memória*. In: ARCHARD, P. [et al] Tradução e introdução: NUNES, J. H. *Papel da Memória*. Campinas, SP: Editora Pontes, 2015, p. 43-51.
- PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução MARIANI, B. S. [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014 [1969], p. 59-106.
- SAUSSURE, F. Natureza do signo linguístico. In: SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916], p. 79-84.
- SOUZA, T. C. C. A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. *Rua*, Campinas: 7, p. 65-94, 2001.
- SOUZA, T. C. C. Imagem, textualidade e materialidade discursiva. In: RODRIGUES, E. A.; SANTOS, G. L.; BRANCO, L. K. A. C. (Org.). *Análise de discurso no Brasil: pensando o impensado sempre. Uma homenagem a Eni Orlandi*. Campinas, Editora RG, 2011, p. 387-400.
- SOUZA, T. C. C. Perspectivas da análise do (in)visível: a arquitetura discursiva do não verbal. *Rua*, Campinas-SP, v. 24, n. 1, p. 17-35, jun. 2018.

The enunciative media regime and the discursive memory in the dispute of meanings in the photographic nonverbal text

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicity:

Fluxo contínuo

Volume 5

Number 1

Received in: 14/09/19

Approved in: 19/10/19

Abstract:

In this article, we problematize and analyze the enunciative media regime in the reading-interpretation of the photographic nonverbal text, whose incompleteness is constitutive. In this way, we direct our discursive gaze to the photograph that ran through the news, which reveals the situation of refugees heading to the United States. Anchored in the perspective of Michel Pêcheux's Discourse Analysis, we observe that the senses are agency through reading paths, from the verbal language, in which other senses are erased and silenced. So we ask ourselves: what other meanings are produced, departing from the enunciative media regime and considering the opacity of the photographic nonverbal text? We observe that there are meanings beyond the imprisonment of the enunciative media regime.

Keyword:

Discourse Analysis; Enunciative media regime; Photographic nonverbal text.